

# A ABORDAGEM DE FREGE AOS INDEXICAIS: A QUESTÃO DA PRAGMÁTICA NA CONCEPÇÃO SEMÂNTICA DE SENTIDO (*SINN*)

Alan René Maciel ANTEZANA<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo busca definir e explicitar a proposta de sentido (*Sinn*) de Gottlob Frege, dando destaque principalmente à questão da natureza da informação veiculada por frases assertivas completas. Partiremos, pois, de seu ensaio “Sobre o Sentido e a Referência” (1892) para reconstruir parte da argumentação que o levou a elaborar seu conceito de sentido e de pensamento (*Gedanke*). Em uma segunda parte do presente artigo, será explorada a abordagem de Frege aos indexicais em geral, tal como se apresenta em “O Pensamento”. Visando este ensaio, problematizaremos a abordagem de Frege aos indexicais e exporemos os motivos pelos quais a saída adotada por Frege não é viável, propondo três resoluções diferentes, tendo em vista o artigo “Frege on Demonstratives”, de John Perry.

Palavras-chave: Semântica, Frege, Indexicais, Filosofia da Linguagem

## 0. Introdução

É comumente difundida a crença de que as palavras significam aquilo que elas designam. Poder-se-ia tomar como exemplo o nome próprio “Gottlob Frege”, que significaria uma pessoa específica. Esta concepção linguística de significado pode ser problematizada de formas diversas. Uma das possibilidades de problematização será explanada na primeira parte deste artigo, onde será explorado o “Enigma de Frege”. Uma resolução para esse enigma fora a elaboração da noção de sentido, apresentada por Frege em seu ensaio “Sobre o Sentido e a Referência” em 1892, originando o que fora descrito por diversos comentadores como referencialismo mediado. Neste ensaio, Frege apresenta uma distinção entre referência e sentido, como veremos.

Na segunda parte deste artigo problematizaremos a concepção de sentido dada no ensaio “O Pensamento”, de Frege, no que tange aos procedimentos realizados pelo autor relativamente aos indexicais, onde será realizada primeiramente a sua definição e será discutido o papel do contexto

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade de Brasília (UnB)

como integrador do significado de uma frase assertiva completa<sup>2</sup>, isto é, sua função na explicitação da informação de frases assertivas, e a sua adequação às definições explicitadas em “O Pensamento”.

## 1. Os Conceitos de Sentido (*Sinn*) e Pensamento (*Gedanke*) em “Sobre o Sentido e a Referência”

Nesta seção serão apresentados alguns conceitos da Filosofia da Linguagem de Frege, sendo estes os conceitos determinados especificamente em seu ensaio “Sobre o Sentido e a Referência”. Será também explorado o que fora posteriormente designado como o “Enigma de Frege”.

### 1.1. Sentido (*Sinn*)

Gottlob Frege inicia seu ensaio “Sobre o Sentido e a Referência” em uma indagação que posteriormente seria denominada o “Enigma de Frege”. O “Enigma de Frege” levanta a questão sobre como seria possível conceber a diferença entre frases de identidade que veiculam diferentes naturezas de informação<sup>3</sup>, isto é, a priori e a posteriori, partindo de uma concepção puramente referencialista do significado. Esta concepção, em uma leitura ingênua, pode ser considerada como aquela que toma o significado como sendo somente a referência do sinal (*Zeichen*)<sup>4</sup>. Dessa forma, paira a questão sobre como se poderia explicar a divergência epistemológica, ou, como Frege coloca, divergência em “valores cognitivos”, de duas frases tais como “a = a” e “a = b”, sendo ambas verdadeiras. É possível exemplificar a questão da seguinte forma:

- (1) A Estrela da Tarde é a Estrela da Tarde
- (2) A Estrela da Tarde é a Estrela da Manhã

---

<sup>2</sup> Ou seja, como pode um indexical integrar a referência de uma frase assertiva completa, como veremos.

<sup>3</sup> Endossamos, no presente artigo, as considerações de Nathan Salmon (1979) acerca do consenso geral de que, para conceber uma teoria semântica, deve-se abarcar as informações veiculadas pelo significado. Além disso, o “Enigma de Frege”, segundo Salmon (1979) e Evans (19XX), pode ser representado em frases assertivas completas que não tratam de relações de identidade. Isso, por sua vez, diverge da leitura de que o sentido teria sido uma resposta para a questão da identidade em si mesma. Poder-se-ia reformular o “Enigma de Frege” com as seguintes frases verdadeiras que veiculam diferentes valores cognitivos:

- (1) Aristóteles escreveu a Ética a Nicômaco
- (2) O mais famoso aluno de Platão escreveu a Ética a Nicômaco

Deste modo é possível reconstruir o “Enigma de Frege” sem recorrer a frases de identidade.

<sup>4</sup> “Neste contexto fica claro que, por 'sinal' e por 'nome', entendi qualquer designação que represente um nome próprio, cuja referência seja um objeto determinado (esta palavra tomada na acepção mais ampla)” (FREGE, 1978, p. 62)

Considerando (1) e (2), não seria possível realizar a diferenciação entre as seguintes frases partindo de uma noção referencialista de significado. A sentença (1) aparenta ser não-informativa, analítica e *a priori*<sup>5</sup>, enquanto a sentença (2) aparenta ser informativa, sintética e *a posteriori*. Esta carga epistemológica do significado indica aquilo que Frege denominou como o “modo de apresentação do referente” (FREGE, 1978, p.62). Este modo de apresentação, por sua vez, integra o significado de uma palavra, e, posteriormente, de uma frase. Isso, por sua vez, fora denominado posteriormente como princípio da composicionalidade, que é comumente atribuída a Frege.

Frege, por sua vez, chamou este modo de apresentação de sentido (*Sinn*), e este sentido deve se colocar como intermédio entre o sinal (*Zeichen*) e a referência (*Bedeutung*). O sentido, desta forma, é uma resposta frente a necessidade de explicitação da divergência de natureza das informações veiculadas por sentenças de identidade. Pode-se dizer ainda que o sentido, tal como é concebido por Frege, é essencialmente objetivo, por ser “propriedade comum de muitos” (FREGE, 1978, p.65). Dessa forma, Frege diferencia o sentido “associado a uma expressão” das representações, ou ideias, que são associadas ao uso dessa mesma expressão.

## 1.2. Pensamento (*Gedanke*)

Considerada a concepção de sentido em nomes próprios<sup>6</sup>, isto é, nomes singulares (*Eigenamen*), Frege busca investigar qual seria o sentido e a referência de uma frase assertiva completa. Uma frase assertiva completa, por sua vez, contém um pensamento (*Gedanke*). O pensamento é dado não como “o ato subjetivo de pensar”<sup>7</sup>, mas aquilo que pode ser compartilhado entre pessoas diversas. Nesta argumentação, Frege considera duas hipóteses para a consideração do

---

<sup>5</sup> “When a proposition is called a posteriori or analytic in my sense, this is not a judgement about the conditions, psychological, physiological and physical, which have made it possible to represent the content of the proposition in consciousness. Nor is a judgment about the possibly defective method by which some other person has come to believe it true. Rather, it is a judgement about the fundamental ground which provides the justification for the believing it is to be true.” (FREGE, 1980, p.3)

O excerto da obra de Frege *Foundations of Arithmetic*, retirado do livro “Frege: an introduction to the founder of modern analytic philosophy”, de Anthony Kenny, deixa claro como a questão da separação entre analítico e sintético se dá em uma possibilidade de analisar a prova de uma proposição e, por meio desta análise, constatar que esta prova jaz em verdades primitivas, i.e., leis lógicas gerais (KENNY, 1995, p.57). Se, por outro lado, esta prova depende de ciências particulares, trata-se de uma proposição sintética.

Para que, portanto, uma verdade seja a posteriori, deve ser impossível deduzi-la sem fazer uso dos fatos. Se, de modo diverso, uma verdade não demandar nada além de leis gerais, ou seja, leis que não admitem e não necessitam de provas, então trata-se de uma verdade a priori (FREGE, 1980, p.4). Anthony Kenny (1995) afirma que é necessário observar que as distinções analítico/sintético e a priori/ a posteriori não são somente uma questão de oposição entre epistemologia e lógica, mas trata-se de um grau de generalidade (KENNY, 1995, p.57). Uma verdade é a priori se não se faz necessário o apelo aos fatos particulares. Pode-se concluir, tendo o que fora dito em vista, que uma verdade oriunda da lógica é tanto a priori quanto analítica.

<sup>6</sup> “O sentido de um nome próprio é entendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que ele pertence.” (FREGE, 1978, p.63) Um nome próprio é um sinal que, por intermédio do sentido, designa um só referente.

<sup>7</sup> (FREGE, 1978, p.64), nota de rodapé 1

pensamento (*Gedanke*) em uma frase assertiva completa: pode ele ser (i) seu sentido ou (ii) sua referência.

Admitindo que a frase assertiva completa possui uma referência, poder-se-ia imaginar uma dada sentença em que houvesse substituição de termos correferenciais. Devemos considerar que, de acordo com Frege, a substituição de termos correferenciais preserva necessariamente a referência da frase como um todo. Uma exemplificação seria se se substituísse, na frase “a Estrela da Tarde é um corpo iluminado pelo sol”, o termo singular “a Estrela da Tarde” pelo termo singular “a Estrela da Manhã”. Alguém que desconhecesse o fato de que a Estrela da Tarde é a Estrela da Manhã poderia sustentar que uma frase é verdadeira, enquanto a outra é falsa (FREGE, 1978, p.62). Segundo Frege, o pensamento do primeiro caso seria diferente do segundo, uma vez que divergem entre si informacionalmente, e, portanto, o pensamento não pode ser identificado ao referente de uma frase assertiva completa, podendo ser somente seu sentido (FREGE, 1978, p.X). Em síntese, pode-se dizer que Frege admitiria que o pensamento poderia ser ou o sentido de uma frase completa, ou a referência de uma frase completa. Como não se trata do referente, pode somente ser seu sentido.

Uma vez explicitada a equivalência entre o sentido de uma frase assertiva completa e um pensamento, é razoável levantar a questão a respeito do que seria a referência de uma frase assertiva completa. Se considerarmos, por exemplo, um termo singular que é dotado de sentido, embora não seja dotado de referência, em uma frase assertiva completa, poderíamos formar uma sentença. Esta sentença, por sua vez, não seria dotada de referência, mas somente de sentido. Uma sentença tal como “Ulisses profundamente adormecido foi desembarcado em Ítaca” é um exemplo do que há pouco descrevemos. “Ulisses”, embora seja dotado de sentido, não é dotado de referência. Alguém poderia pensar em “Ulisses” como “O pai de Telêmaco”, no entanto, não é possível indicar o referente “Ulisses”. É duvidosa a atribuição de um referente à frase “Ulisses profundamente adormecido foi desembarcado em Ítaca”. Como o nome “Ulisses” não é provido de referência, é possível atinar que não é possível realizar um juízo acerca do valor de verdade da frase supracitada sobre Ulisses. Segundo Frege, “Todo aquele que não admite que o nome tenha uma referência não lhe pode atribuir nem negar um predicado” (FREGE, 1978, p.68). Neste contexto, Frege destaca a preservação do pensamento da frase assertiva completa acerca de Ulisses. A referência, segundo Frege, só é buscada quando dirigimos a nossa busca ao valor de verdade. Dessa forma, seria identificado o sentido frasal com o pensamento e a referência frasal com o valor de verdade.

## **2. A Questão da Pragmática na Concepção Semântica de Sentido (*Sinn*)**

Na segunda parte do artigo serão explorados os problemas atribuídos por John Perry (1977) à abordagem de Frege aos indexicais em “*Der Gedanke*” e a solução sugerida por Perry. Será

também abordada em 2.2. a resposta de Gareth Evans (1985) à John Perry, em que se considerará uma outra solução para as questões colocadas em 2.1.

## **2.1. A Crítica de Perry à Abordagem Fregeana aos Indexicais**

### **2.1.1. Esclarecimentos Preliminares à Crítica de Perry**

Nesta seção buscaremos destacar as questões oriundas da abordagem de Frege aos indexicais<sup>8</sup>, i.e., partículas como “eu”, “você”, “hoje”, “amanhã”, entre outras palavras cujo significado é dado em função do seu contexto de proferimento. Apontadas essas questões, visando o artigo “Frege on Demonstratives”<sup>9</sup> de John Perry, buscamos explicitar três soluções sugeridas por Perry que Frege poderia ter explorado em “*Der Gedanke*”. De acordo com Perry, as duas primeiras são plausíveis, mas contradizem a identificação fregeana entre o sentido de uma sentença e seu pensamento. A última resolução, por sua vez, preserva a identificação entre o sentido de uma frase e um pensamento por ela expresso, mas não é, segundo Perry, plausível. Antes de realizar a exposição da abordagem de Frege aos indexicais em “*Der Gedanke*” e as saídas propostas por Perry e Evans, buscaremos realizar esclarecimentos preliminares acerca das distinções entre sentidos e pensamentos e acerca do conceito de papel (*role*) de Perry.

Considerando os escritos de Frege em “Sobre o Sentido e a Referência”, Perry ressalta identificações relevantes realizadas por Frege. Neste artigo, abordaremos apenas uma destas identificações: a identificação entre o sentido de uma frase assertiva completa e o pensamento. A primeira parte da crítica de Perry consiste em apontar inconsistências nesta identificação. Tendo isso em vista, será necessário estabelecer os critérios de diferenciação de sentidos e pensamentos, dado que a um sentido frasal não pode ser atribuído dois pensamentos distintos; da mesma forma, a um pensamento não se poderia, a princípio, atribuir sentidos frasais distintos.

Em “Sobre o Sentido e a Referência”, Frege introduz o sentido como uma forma de abordar a diferença em valores cognitivos em frases assertivas, entre outros tipos de frase. Dessa forma, é possível estabelecer um primeiro critério de diferenciação de sentido:

Critério 1: “Se S e S' diferem em valores cognitivos, então S e S' têm diferentes sentidos” (PERRY, 1977, p.475).

---

<sup>8</sup> Aqui denominamos indexicais as palavras cujo significado é dado em função do contexto, i.e., pronomes pessoais, verbos e . Alguns exemplos são “eu”, “você”, “hoje”, entre outros.

Dummett (1973) enfatiza a relação entre o sentido e a compreensão. O sentido de uma expressão seria “aquilo que sabemos quando a compreendemos”, e, aquilo que se compreende pode ser comparado a um procedimento ideal de determinação de sua referência<sup>10</sup>. A referência de uma frase, por sua vez, é tomada como o seu valor de verdade. Já o seu sentido seria aquilo que compreenderíamos quando soubéssemos o que deveria ocorrer para que seu valor de verdade fosse o verdadeiro ou o falso. Dessa forma, poder-se-ia imaginar uma situação em que um indivíduo que compreende o sentido do predicado “( ) escreveu a Ética a Nicômaco”. O mesmo indivíduo poderia tomar a frase “Aristóteles escreveu a Ética a Nicômaco” como verdadeira, assim como a frase “O mais famoso aluno de Platão escreveu a Ética a Nicômaco”, reconhecendo que “Aristóteles” e “O mais famoso aluno de Platão” são termos singulares correferenciais. Dessa forma, supõe-se que o indivíduo realizaria procedimentos ideais diversos de determinação de um referente. Neste exemplo, seus sentidos diferem, uma vez que alguém poderia ser levado a crer, por uma falsa informação, que “Aristóteles” e “O mais famoso aluno de Platão” não são termos singulares correferenciais, crendo na primeira sentença sem crer na segunda. Pode-se elaborar, portanto, o segundo critério de diferenciação da seguinte forma:

*Critério 2: “Se A compreende S e S', e julga S verdadeiro enquanto julga S' como falso, então S e S' veiculam diferentes sentidos” (PERRY, 1977, p.476).*

Perry, portanto, busca estabelecer as possíveis diferenciações entre pensamentos, iniciando por meio de sua descrição por Frege. A expressão “pensamento” (*Gedanke*), segundo Perry, não foi introduzida apenas como uma outra forma de se dizer o “sentido frasal” (PERRY, 1977, p.476). Segundo Frege (1918), o pensamento é aquilo a que se é atribuído verdade ou falsidade. A partir desta noção, pode-se estabelecer um terceiro critério de diferenciação entre pensamentos:

*Critério 3: “Se S é verdadeiro e S' é falso, S e S' expressam diferentes pensamentos”.* (PERRY, 1977, p.476)

### **2.1.2. O Problema da Abordagem Fregeana aos Indexicais e suas Resoluções Possíveis**

---

<sup>9</sup> Perry, neste artigo, designa como “demonstrativos” os indexicais.

<sup>10</sup> “Rather, ‘sense’ is first introduced as a correlative of ‘understand’: the sense of an expression is what we know when we understand it. Indeed, the notion remains schematic until we have a theory of sense – an account of what, for each class expression, has to be known in order to know its sense; and we have seen that Frege does not provide a complete theory of this kind. But that some notion of sense, correlative to understanding, is required, only philosophical confusion, I think, lead us to deny. And from this point of view – which is fundamental for the notion of sense – the sense of a predicate can in no way be regarded as a function mapping senses of proper names on to thoughts” (DUMMETT, p. 293, 1973)

Levemos em consideração as seguintes frases para abordar inicialmente a questão relativa aos indexicais. Iniciaremos com uma exemplificação para abordar especificamente o indexical “hoje”:

(3) Gottlob Frege nasceu em 8 de novembro de 1848

(4) Gottlob Frege nasceu hoje

Poder-se-ia dizer sobre (3) e (4) que “hoje” deveria de alguma forma integrar o sentido frasal da mesma forma como “8 de novembro de 1848”, no entanto, não parece ser este o caso. Se (4) fosse proferido em 8 de novembro de 1848, o pensamento da frase como um todo seria verdadeiro. Se, no entanto, (4) fosse proferido em 9 de novembro de 1848, o pensamento da frase como um todo seria falso. Se “hoje” em (4) mantivesse hipoteticamente o mesmo pensamento em 8 e 9 de novembro, então (4) deveria manter constante seu valor de verdade em ambos os casos, o que não é o caso. Ainda assim, o que compreendemos por “hoje” aparenta manter-se constante.

Quando compreendemos o uso da palavra “hoje”, aparentemente fazemos uso de uma regra que nos leva de um contexto de proferimento a um objeto determinado. “Hoje”, no caso, indica como objeto o dia do proferimento da frase, assim como “ontem” indica como objeto o dia anterior ao dia do proferimento da frase. Perry denomina esta regra como o *papel* de um indexical<sup>11</sup>. Contexto, neste caso, é concebido por Perry como “um conjunto de traços do proferimento de uma frase” (PERRY, 1977, p.X), ou seja, traços diversos do proferimento de uma sentença, que incluem tempo, espaço, o falante, entre outros. O objeto indicado por um indexical em um determinado contexto é denominado por Perry como seu *valor* neste ou naquele contexto de proferimento. “Hoje”, portanto, possui um valor em ambos os contextos de proferimento, e, portanto, devemos dar valores diversos nas duas ocasiões.

Segundo Perry, indexicais não parecem ser redutíveis a quaisquer sentidos descritos pela filosofia da linguagem de Frege. Sentidos, a princípio, não nos levam de contextos aos referentes, mas apenas aos referentes, que permanecem os mesmos em contextos diversos de uso (PERRY, 1977, pX). Frege, segundo Perry, parece reconhecer os papéis dos indexicais. Pode-se dizer também que Frege, em “O Pensamento”, acredita que, conhecendo o contexto do proferimento de uma determinada frase, pode-se partir do proferimento de uma sentença tal como (4) para um pensamento. Os indexicais, neste caso, não apresentam somente um objeto para o pensamento, mas completam o sentido de uma sentença. Um dia, enquanto objeto indicado por um indexical, não é

---

<sup>11</sup> “Now, the expression-type, ‘today’ certainly has a meaning, which does not vary from occasion to occasion, which Kaplan [1977] calls its character and Perry calls its role.” (EVANS, 1985, p.292)

um sentido, e não se pode simplesmente derivar um sentido de uma referência. Como se poderia, portanto, partir de um sentido incompleto tal como “Friedrich Ludwig Gottlob Frege nasceu”, de um contexto, e de um indexical tal como “hoje” para chegar a um pensamento? Este, por sua vez, é o problema que os indexicais apresentam ao pensamento de Frege. (PERRY, 1977, p. X)

### 2.1.2.1. “O Sentido como Papel”<sup>12</sup>

Se pensássemos em uma frase  $S(d)$ , sendo  $S$  a frase e  $d$  um indexical,  $S( )$  teria um sentido incompleto. Deste modo,  $S(d)$  é verdadeiro quando proferida em um contexto  $c$  se e somente se o valor do indexical  $d$  em  $c$  é subsumido pelo conceito referido por  $S( )$ . Esta regra nos dá o papel de  $S(d)$ . Papéis, por sua vez, nos levam de contextos a objetos, e, no caso de frases assertivas, levam-nos aos valores de verdade (PERRY, 1977, p.X). Levemos em consideração a seguinte frase:

(5) Gottlob Frege nasceu ontem

A frase (5) seria verdadeira se fosse proferida em 9 de Novembro de 1848. Isto ocorre se e somente se o dia 9 de Novembro de 1848 se subsumir ao conceito referido por “Gottlob Frege nasceu”. O papel de uma frase, portanto, pode parecer análogo ao sentido de uma frase que não contém um indexical. Assim como o sentido frasal, o papel frasal é um procedimento de determinação de um valor de verdade. Ainda assim, o papel parte do contexto para a determinação de seu referente, diferentemente do sentido. (PERRY, 1977, p.X)

A analogia entre sentido e papel sugere uma saída para Frege. Poder-se-ia pensar que o sentido expresso por uma frase que contém um indexical se identifica com seu papel (PERRY, 1977, p.X). Desta forma, um sentido incompleto tal como o de “Gottlob Frege nasceu” poderia se tornar completo de duas formas. Uma forma seria completá-lo com o sentido de “em 8 de Novembro de 1848”, o que nos daria um sentido completo para a frase como um todo. Outra forma seria completá-la com um indexical como “hoje”, o que indicaria um novo tipo de sentido, o papel.

Esta opção, em última análise, não poderia ser a saída adotada por Frege, uma vez que ele pensa que um pensamento pode ser expresso no proferimento de uma frase assertiva completa que contém um indexical. O papel de uma sentença não pode ser identificado com um pensamento, dado que a mesma frase exprimindo o mesmo papel poderia ser proferida em diversos contextos determinando diferentes valores de verdade. Utilizando-se do critério da diferença de pensamentos, papéis não são pensamentos. Dessa forma, Perry afirma que, na medida em que se identifica o sentido frasal com um pensamento, um papel não pode ser um sentido (PERRY, 1977, p.8).



### 2.1.2.2. “O Pensamento como Informação”<sup>13</sup>

Se a frase (4) fosse proferida no dia 8 de Novembro de 1848, o proferimento aparentaria veicular as seguintes informações:

- (i) Um sentido incompleto, relativo a “Gottlob Frege nasceu”
- (ii) Um objeto, isto é, o dia 8 de Novembro de 1848

(i) e (ii) não determinam um pensamento, mas uma classe de equivalência de pensamentos. A esta classe pertencem os pensamentos que resultam de se completar o sentido de “Gottlob Frege nasceu” com os sentidos que determinam como referência o dia 8 de Novembro de 1848. Perry designa pensamentos relacionados dessa forma como “informacionalmente equivalentes” (PERRY, 1977, p.X)

A presente opção envolveria a introdução de um novo conceito de pensamento, que corresponde a esta classe de pensamentos informacionalmente equivalentes. Dessa forma, seria possível individuar a classe sem identificar os membros. Deste modo, poder-se-ia afirmar que o proferimento de  $S(d)$  em um contexto  $c$  expressaria o mesmo pensamento que  $S'(d')$  em um contexto  $c'$  se e somente se  $S()$  e  $S'()$  forem os mesmos e os valores dos indexicais  $d$  em  $c$  e  $d'$  em  $c'$  também. Dessa forma, (5) proferido em 9 de Novembro de 1848, e (3) expressariam o mesmo pensamento (PERRY, 1977, p.X).

No entanto, esta abordagem não poderia ser adotada por Frege em última análise (PERRY, 1977, p.X). Esta solução introduziria um novo conceito de pensamento, que corresponde à classe de pensamentos informacionalmente equivalentes. Segundo Perry, não seria possível estabelecer frases informacionalmente equivalentes a um exemplo específico de Frege<sup>14</sup>, em “O Pensamento”, que é quando um determinado indivíduo profere a frase “Eu estou ferido”. Deste modo, busca-se estabelecer o valor de um indexical como parte de um pensamento, no entanto, em “Sobre o Sentido e a Referência”, Frege ressalta que apenas sentidos podem constituir sentidos frasais.

Sobre essa temática, Dummett (1973) afirma que é desnecessário supor que um pensamento exprimível por uma frase que contém o indexical “Eu” possa ser exprimível por uma frase “eterna<sup>15</sup>”, isto é, uma frase cujo valor de verdade permanece constante em qualquer circunstância ou ocasião. Segundo Perry, porém, não é somente desnecessário supor, mas é impossível que uma

---

<sup>12</sup> (PERRY, 1977, p.X)

<sup>13</sup> (PERRY, 1977, p.X)

<sup>14</sup> (FREGE, 2002, p.21)

<sup>15</sup> Uma frase eterna, para os fins visados no presente artigo, pode ser definido como uma frase cujo valor de verdade é

frase “eterna” exprima o pensamento de uma sentença que veicule o indexical “Eu”.

Outra observação de Perry é a de que esta noção de pensamento violaria os critérios fregeanos para individuação de sentidos e pensamentos. Desta forma, o autor descreve o seguinte exemplo. Um indivíduo acompanhado por um outro indivíduo se encontram em um porto. Neste porto há um grande navio cujo meio está obscurecido por um prédio. Neste contexto, o nome “Enterprise” está visível na frente deste navio. O indivíduo A indica a frente do navio e afirma “Esta é a Enterprise”, e o indivíduo B concorda com esta afirmação. Da mesma forma, o indivíduo A indica a parte de trás do navio e afirma “Aquela é a Enterprise”, no entanto, o indivíduo B não concorda com esta asserção. Por meio do critério da diferença entre sentidos, dever-se-ia afirmar que diferentes sentidos são expressos. Ainda assim, de acordo com o novo critério de pensamento, o mesmo pensamento foi expresso, dado que o sentido incompleto fora enunciado em ambos os casos e os valores de ambos os indexicais são os mesmos. Para, portanto, escolher esta solução, dever-se-ia abrir mão da identificação entre o sentido expresso por estas frases e o pensamento expresso por essas frases (PERRY, 1977, p.X).

### **2.1.2.3. O Indexical como um Portador de Sentido**

Uma terceira saída seria extrair de um indexical um sentido que pudesse integrar e completar o sentido de uma frase assertiva. Isso, no entanto, exigiria que o sentido “estivesse intimamente relacionado” (PERRY, 1977, p.11) ao sentido de uma descrição definida completa da referência. Este sentido extraído deve, portanto, designar um único referente através de uma descrição definida completa. O referente designado pelo sentido deve ser equivalente ao valor do indexical em um determinado contexto de proferimento. No entanto, “hoje”, por exemplo, indica apenas um dia, e não uma descrição definida completa deste dia.

No caso de nomes próprios, Frege assevera que diferentes indivíduos podem atribuir diferentes sentidos ao mesmo nome. Para identificar, portanto, o sentido que uma pessoa atribui a um nome próprio, deve-se tomar conhecimento de suas crenças sobre o portador deste nome (PERRY, 1977, p.485). Perry afirma que é possível que Frege suponha que falantes, ao compreender o pensamento, atribuam ao indexical um sentido de termo singular correspondente. Compreender um indexical, portanto, seria atribuir-lhe adequadamente um sentido em cada ocasião, que determina como referência o valor do indexical.

Há, segundo Perry, um empecilho nesta abordagem. Pode-se associar apenas um sentido para um determinado nome próprio, mas, como um indexical indica valores diversos em diferentes

ocasiões, diferentes sentidos devem ser atribuídos em diferentes ocasiões. O indexical, portanto, não poderia ser concebido como uma abreviação de uma descrição definida. (PERRY, 1977, p.X)

Outro empecilho apontado por Perry é a necessidade de recorrer às crenças individuais dos agentes que atribuem uma descrição definida completa ao indexical. Isto é, a possibilidade de problematização da ideia de que, para compreender uma frase assertiva completa que contém um indexical como “hoje”, seria necessário recorrer a algum sentido incluído no conjunto de descrições definidas completas D tais que no dia do proferimento o falante crê que “Hoje é D” (PERRY, 1977, p.486).

O primeiro problema relevante, segundo Perry, desta concepção é a possibilidade da “irrelevância da crença” (PERRY, 1977, p.486). Esta é a possibilidade de o sentido que se associa a um uso particular de um indexical não determinar o pensamento expresso por uma sentença que contém um indexical. Uma exemplificação seria um indivíduo que crê que hoje, dia 25 de Março de 2015, é o dia 8 de Novembro de 1848, disto não se segue que quando este indivíduo enuncia “Friedrich Ludwig Gottlob Frege nasceu hoje” se expresse o pensamento “Friedrich Ludwig Gottlob Frege nasceu em 8 de Novembro de 1848”. Disso se segue que, independentemente do fato de que Frege nasceu em 8 de Novembro de 1848, a minha frase é incorreta.

O segundo problema relevante seria a “não-necessidade da crença”<sup>16</sup> (PERRY, 1977, p.486). Isto é, um indivíduo poderia proferir corretamente o pensamento “Hoje está ensolarado” sem associar um sentido descritivo ao valor do indexical “hoje”. Este indivíduo poderia não saber a qual dia ele se refere, e produzir enunciados sobre diferentes dias usando somente o indexical “hoje”, sem saber a quais dias este indivíduo se refere. Em síntese, poder-se-ia afirmar que um indivíduo completamente ignorante sobre as características de um determinado referente poderia usar um indexical para referir-se ao objeto em uma frase, tal como se faz quando se pergunta “O que é isto?”.

O terceiro problema seria a “insuficiência da crença”<sup>17</sup> (PERRY, 1977, p.487). É possível pensar em duas situações distintas que esclarecem a problemática. Consideremos um indivíduo A que crê em uma frase em que se subsume o valor do indexical “Eu” a um conceito que só se aplica ao valor de referente “Eu” naquela determinada enunciação. Consideremos que o indivíduo A, que pensa “(Eu) escrevi o Tratado da Natureza Humana”, crê em um pensamento verdadeiro, dado que

---

<sup>16</sup> Pode-se traçar uma analogia entre este problema e o problema da “ignorância” de Kripke (1980) em sua crítica às teorias descritivistas dos nomes próprios. A crítica consiste na afirmação de que um indivíduo pode corretamente referir-se a um objeto por meio de um nome próprio sem aplicar-lhe uma descrição definida correspondente. Alguém poderia referir-se com sucesso à Richard Feynmann e só saber dele que era um “famoso físico do século XX”, isto, no entanto, não é uma descrição definida, uma vez que existem diversos físicos famosos do século XX.

<sup>17</sup> É possível destacar semelhanças entre este argumento e o problema do “erro” de Kripke (1980). Um indivíduo pode referir-se à “Gödel” associando ao nome o sentido “o matemático que provou a incompletude da aritmética”. Suponhamos que outra pessoa tenha provado a incompletude da aritmética. Ainda assim, o nome “Gödel” não se refere àquele indivíduo que provou a completude da aritmética, e que não conhecemos, mas à Gödel propriamente.

o indivíduo A, de fato, se subsume ao conceito “escrever o Tratado da Natureza Humana”. Se um indivíduo B crer que ele mesmo é o indivíduo A, ele poderia atribuir a si mesmo, enquanto referente, o sentido “O autor do Tratado da Natureza Humana”, e, posteriormente, crer que “(Eu) escrevi o Tratado da Natureza Humana”. A princípio, o objeto do sentido “O autor do Tratado da Natureza Humana” parece se subsumir ao conceito de “( ) escrever o Tratado da Natureza Humana”, podendo-se alegar que “(O autor do Tratado da Natureza Humana) escreveu o Tratado da Natureza Humana”, no entanto, o sentido não é corretamente atribuído ao indivíduo B, mas ao indivíduo A.

A segunda situação problemática seria a de um indivíduo A que atribui a si mesmo dois diferentes sentidos que só se aplicam a ele mesmo, sendo eles S1: “O autor do Tratado da Natureza Humana” e S2: “O autor das Investigações Acerca do Entendimento Humano”. Se um indivíduo B, que crê erradamente que é dotado dos mesmos sentidos S1 e S2, ele poderia ainda enunciar corretamente a frase “(O autor do Tratado da Natureza Humana) escreveu as Investigações Acerca do Entendimento Humano”, proferindo um pensamento verdadeiro, dado que a referência do argumento é A, e não B. Se, no entanto, o indivíduo A, por ventura, esquece-se de S1, ele poderia dizer que a frase proferida por B é falsa. Neste caso, o pensamento expresso por B foi diferente do pensamento apreendido por A. O sentido frasal da mesma frase, portanto, refere-se a diferentes valores de verdade para B e para A, sendo verdadeiro para B e falso para A.

## **2.2. As Resoluções da Questão da Pragmática na Concepção Semântica de Sentido (*Sinn*)**

### **2.2.1. A Resolução de Perry**

Nesta seção será abordada primeiramente a crítica de Perry (1977) à ideia de sentidos privados. Em segundo lugar, será abordada a proposta de Perry de anulação da identificação entre sentidos frasais e pensamentos.

#### **2.2.1.1 O Sentido Privado do Indexical “Eu”**

Seja M um sentido privado correspondente ao pronome “Eu”, ter-se-ia, segundo Perry (PERRY, 1977, p.490), que pensá-lo como um sentido não complexo. Isso se dá na medida em que não seria possível derivar um sentido privado complexo a partir de uma composição de sentidos não-privados, e, portanto, acessíveis. ‘M’, portanto, deve ser primitivo.

O sentido privado, uma vez que é um modo de apresentação, deve, por ser um sentido, indicar aspectos qualitativos sobre um indivíduo que o utiliza. Por ser privado, deve indicar os

aspectos qualitativos sobre um indivíduo que somente este indivíduo e, necessariamente, somente este indivíduo poderia conhecê-lo.

Se, no entanto, um determinado ferro de passar roupa me queimasse, eu poderia enunciar “Este ferro queima”. O conceito referido pela função “( ) queima”, no entanto, abriga mais objetos além de somente o objeto designado pelo argumento “Este ferro”, tais como “sol”, “gelo”, “fogão”, “vela”, entre outros. Embora, portanto, somente eu saiba que especificamente “Este ferro” é subsumido pelo conceito referido pela função “( ) queima”, isso não impede que “( ) queima” seja sentido privado, não seria possível saber se M indicaria um modo de apresentação, e, portanto, designaria um conceito sob o qual somente eu, enquanto objeto, me subsumiria.

Segundo Perry, embora se possa pensar em (i) diversos aspectos sobre um indivíduo que o determinam como o único objeto e, ainda que (ii) somente este indivíduo soubesse de cada um desses aspectos, não seria possível para o indivíduo determinar se é somente ele o único objeto subsumido pelo conceito correspondente ao aspecto indicado pelo sentido M. Um indivíduo, portanto, não poderia atribuir a si mesmo um sentido M tal como fora acima descrito.

#### **2.2.1.2. A Proposta de Distinção entre Pensamentos e Sentidos Frasais de Perry**

Perry argumenta a favor da distinção, nesta seção, entre o sentido frasal e o pensamento, buscando resolver as questões colocadas em 2.1.2.1. e 2.1.2.2.. As argumentações anteriormente levantadas indicam uma aparente incompatibilidade entre sentidos frasais e pensamentos. Ao extinguir a correspondência entre ambos, Perry pretende estabelecer a possibilidade de compatibilização de indexicais à filosofia da linguagem de Frege, viabilizando o tratamento de papéis como sentidos e de pensamentos como informação.

A primeira questão levantada por Perry é o esclarecimento das chamadas “crenças de autolocalização” (PERRY, 1977, p.492), que consistem em crenças contextuais, tais como crer que se é uma determinada pessoa, que se está em um determinado lugar e que se encontra em um determinado momento no tempo. É realizado este esclarecimento para alicerçar o posicionamento de Perry acerca de frases assertivas completas que contém indexicais. Segue-se que, segundo Perry, “Ter uma crença de autolocalização não consiste em crer um pensamento fregeano” (PERRY, 1977, p.492)<sup>18</sup>. A proposta de Perry é reconhecer que não há sentidos privados, e, portanto, que não há

---

<sup>18</sup> Isso pode ser pensado em um contexto em que um indivíduo A se encontra em um lugar L. O indivíduo A poderia conhecer muitíssimas descrições definidas do lugar em que se está, mas, no entanto, este mesmo indivíduo não saberia que ele está em L até conceber que ele mesmo está em L, ou seja, até que A estivesse pronto para crer que “(Eu) estou em L”. Da mesma forma, o indivíduo A poderia esquecer também quem é ele mesmo, e mesmo que ele conhecesse diversas descrições definidas de ele mesmo, ele não saberia que ele é ele mesmo até que A estivesse pronto para crer em uma tal descrição definida D, ou seja, enunciar “(Eu) sou D”. Segundo Perry, não se trata somente de *o que* um

pensamentos acessíveis a um indivíduo somente e que seja também incomunicável. As crenças de autolocalização portanto, não demandam a apreensão de um pensamento, mas demandam a apreensão de um sentido frasal insaturado que contém um indexical.

Tendo isto dito, pode-se afirmar que Hume e outra pessoa poderiam conceber um mesmo pensamento, embora somente Hume possa apreender o sentido frasal insaturado “( ) ser Hume” que contém um indexical “Eu” verdadeiramente. É possível conceber, nesta abordagem, pensamentos divesos que podem ser apreendidos em diferentes contextos ao entreter os mesmos sentidos frasais insaturados. Do mesmo modo, o mesmo pensamento pode ser apreendido ao entreter diferentes sentidos frasais. Ao admitir a divergência entre sentidos frasais e pensamentos, pode-se escolher quaisquer opções destes que foram anteriormente apresentados (v. 2.1.2.1. e 2.1.2.2.). É possível, por exemplo, identificar o papel frasal com o sentido frasal, assim como é possível traçar uma correspondência entre um novo tipo de pensamento e informação. Um pensamento, deste modo, demandaria um objeto e um sentido frasal insaturado. O indexical cederia o objeto, enquanto o sentido frasal insaturado formaria, com o objeto, um pensamento. O papel frasal, por outro lado, nos levaria a um pensamento verdadeiro se e somente se o valor do indexical se subsumisse ao conceito referido pelo sentido frasal insaturado.

Deste modo, um indivíduo A que entretém um sentido frasal insaturado que lhe é exclusivo, ou seja, cujo conceito referido subsume apenas o referente de A como extensão, e nenhum outro objeto, tem acesso a apreensão de um pensamento verdadeiro. Isto ocorre se o sentido frasal insaturado toma como argumento o indexical “Eu”. O objeto, no caso, é um indivíduo A, é subsumido ao conceito referido pelo sentido. Se B quisesse entreter esta mesma sentença, o valor do indexical “Eu” seria diverso, e não se subsumiria ao conceito, indicando um pensamento também diverso ao apreendido por A.

### **2.2.2. A Resolução de Gareth Evans**

Nesta seção será abordada a resposta de Gareth Evans (1985) em “Understanding Demonstratives” a John Perry (1977) no que concerne o artigo “Frege on Demonstratives”. Além disso, será explorada a resolução proposta por Evans com relação à abordagem de Frege aos indexicais.

#### **2.2.2.1. A Resposta de Evans a Perry**

---

indivíduo como A pensa, mas *como* ele pensa um determinado sentido.

Evans responde a Perry inicialmente reconstruindo a argumentação de Perry contra a possibilidade de atribuição de um sentido ao valor de um indexical, descrito no presente artigo na seção 2.1.2.3.. A princípio, Evans argumenta que o principal argumento contra a abordagem de Frege aos indexicais repousa sobre um conceito específico de sentido. Este conceito aproxima o sentido de Frege a noção de uma descrição definida, o que, segundo Evans, é uma suposição que não necessariamente encontra respaldo definitivo nos textos de Frege. Evans inicia sua explanação admitindo influência da interpretação de Michael Dummett acerca do sentido de Frege.

#### 2.2.2.2. O Sentido (*Sinn*) segundo Evans

Segundo Evans, o âmago de uma teoria semântica fregeana se embasa em uma teoria da referência, isto é, “uma teoria que assinala a cada expressão significativa da linguagem algo que pode ser considerado como a referência, ou valor semântico, daquela expressão.” (EVANS, 1985, p.293). Tal teoria, por sua vez, deve ser composicional, e, portanto, deve tomar a referência de um todo frasal como dado em função da referência da referência das partes da frase assertiva completa. A compreensão de uma língua deve ser concebida como relacionada ao conhecimento do valor semântico das expressões (EVANS, 1985, p.293). Evans, prevenindo-se à contestação de que é possível compreender uma frase assertiva completa sem conhecer seu valor de verdade, afirma que há modos bastante diversos de se pensar a referência de uma expressão. Um exemplo do autor é o de um indivíduo que pode pensar em um valor de verdade tanto pensando em “Verdadeiro”, quanto pensando em “A neve é branca”, embora seja possível que o indivíduo não saiba que está pensando o mesmo referente. Neste ponto, é possível afirmar que a contribuição de Frege em sua proposta de um sentido fora a sugestão de que para se pensar em um referente deve-se pensá-lo necessariamente em um *modo particular*. Como é possível pensar em um referente de um determinado modo não é descrito de modo positivo ou substancial por Frege (EVANS, 1985, p.293). Se, por sua vez, se faz necessário complementar a noção de um *modo particular* de se pensar um objeto, é possível concebê-la como a convergência de abordagens a um determinado objeto, i.e., aquilo que faz com que um pensamento subsuma um objeto referido<sup>19</sup>.

É preferível, portanto, considerar uma teoria acerca do significado que conta com o sentido das expressões; não se deve, ainda assim, considerar uma teoria do sentido como algo completamente desvincilhado e independente da referência (EVANS, 1985, p.294), dado que se trata de um *modo particular* de se pensar um objeto. O sentido, portanto, só pode ser concebido tendo em vista um referente, dado que se trata de um modo de pensar o referente. Deve-se deixar de

---

<sup>19</sup> Se duas pessoas pensam o mesmo pensamento, elas devem pensar o objeto em um modo particular, embora compartilhado entre os dois indivíduos. Deve ser claro que o modo particular de se pensar o objeto não é particular em

considerar uma teoria do sentido desvencilhado de uma teoria da referência, portanto, para considerar uma teoria diversa da referência. Esta teoria da referência identifica os referentes com seus respectivos e diversos *modos particulares de apresentação*, e deve, dessa forma, ser utilizada também como uma teoria do sentido (EVANS, 1985, pp.294-5). Consideremos, portanto, as seguintes frases:

(6) A referência de “Hesperus” é Hesperus

(7) A referência de “Hesperus” é Phosphorus

(EVANS, 1985, p.295)

Em uma teoria da referência que concebe o significado sendo somente a sua referência, (6) e (7) dizem o mesmo. Em uma teoria da referência que concebe o significado como sendo o modo de apresentação de sua referência, no entanto, há divergência de significado, sendo somente (6) permitido enquanto verdade analítica e a priori, dado que há uma identificação entre os modos de apresentação do objeto. Uma vez que se concebe o sentido como uma maneira de se pensar um modo particular de um referente, não se poderia concebê-lo independentemente dele<sup>20</sup>. Tendo isso em vista, podemos afirmar que o sentido de um termo singular é um modo de se pensar um objeto particular, e que, não se deve esperar maiores especificações do sentido, com exceção de que é atribuído o papel específico ao sentido de determinar somente um referente (EVANS, 1985, p.295).

Poderia haver ainda um empecilho com relação a esta abordagem ao conceito de sentido. Frege, em momentos diversos<sup>21</sup>, afirma que termos singulares vazios, i.e., termos singulares sem referentes, podem veicular sentidos. Além disso, Frege afirma em “Sobre o Sentido e a Referência” que sentenças que contém termos singulares vazios podem expressar pensamentos. Evans responde primeiramente que Frege claramente concebe termos singulares como *defectivos* (EVANS, 1985, p.297). Uma sentença, portanto, deveria compor-se de dois tipos de expressão. O primeiro seria o termo singular, que significaria um objeto, e o segundo tipo significaria uma função n-ária<sup>22</sup> de objetos. Se quaisquer um dos tipos de expressões falhasse em referir a um objeto, a frase assertiva completa não seria dotada de valor de verdade, o que era tido por Frege como uma sentença *defectiva*, segundo Evans (EVANS, 1985, p.297). Sobre isso discorre Frege em um livro sobre Lógica que nunca fora concluído, citado por Gareth Evans.

---

*stricto sensu*, dado que pode ser compartilhado entre pessoas diversas, tal como prescrevera Frege (1977).

<sup>20</sup>

<sup>21</sup> v. FREGE, 1977, p.X



“Names that fail to fulfil the usual role of a proper name, which is to name something may be called mock proper names. Although the tale of William Tell is a legend and not history and the name ‘William Tell’ is a mock proper name, we cannot deny it a sense. But the sense of the sentence ‘William Tell shot an apple of his son’s head’ is no more true than is that of the sentence ‘William Tell did not shoot an apple of his son’s head’. I do not say that this sense is false either, but I characterize it as fictitious.

Instead of ‘fiction’ we could speak of ‘mock thoughts’. Thus, if the sense of an assertoric sentence is not true, it is either false or fictitious, and it will generally be the latter if it contains a mock proper name. [...] Assertions in fiction are not to be taken seriously: they are only mock assertions. Even the thoughts are not to be taken seriously as in the sciences: they are only mock thoughts. [...]

The logician does not have to bother with mock thoughts, just as a physicist, who sets out to investigate thunder, will not pay any attention to stage-thunder. When we speak of thoughts in what follows we mean thoughts proper, thoughts that are either true or false.”(FREGE, 19XX, p. X)

Em síntese, pode-se dizer que uma sentença que contém um

### **2.2.2.3. A Abordagem de Frege aos Indexicais segundo Evans**

## **2.3. Considerações Finais**

---

### **Bibliografia**

BEANEY, Michael.

DUMMETT, Michael. *Frege: Philosophy of Language*.

EVANS, Gareth. *Understanding Demonstratives*.

---

<sup>22</sup> Ou seja, uma função insaturada que demanda n argumentos.

---

KENNY, Anthony. *Frege: An Introduction to the Founder of Modern Analytic Philosophy*.

FREGE, Gottlob. *Lógica e Filosofia da Linguagem*.

FREGE, Gottlob. *Investigações Lógicas*.

FREGE, Gottlob. *Foundations of Arithmetic*.

PERRY, John. *Frege on Demonstratives*.